

**REFLEXÕES SOBRE OS FENÔMENOS DA LINGUAGEM: O
TRATAMENTO QUE A ESCOLA DÁ À VARIEDADE LINGUÍSTICA DO
ALUNO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS PÚBLICAS
PERIFÉRICAS**

**REFLECTIONS ON THE PHENOMENA OF LANGUAGE: THE
TEACHING THAT A SCHOOL GIVES TO THE LINGUISTIC DISCIPLINE OF
THE ELEMENTARY SCHOOL PUPIL OF PERIPHERAL PUBLIC SCHOOLS**

Laila Silva Feitosa¹

Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

Resumo: Esta pesquisa investiga os fenômenos que ocorrem na oralidade de alunos do oitavo e nono ano de uma escola pública periférica no município de Imperatriz – Maranhão; analisa se quando o aluno lê transfere marcas da oralidade para a leitura ou se tem uma leitura monitorada e é fiel ao que está escrito. Analisa também como é tratada a variedade linguística em sala de aula e a postura do professor e dos alunos em relação à variação linguística presente no âmbito escolar. A pesquisa mostra os traços de oralidade mais frequentes na leitura dos alunos que foram observados. Quando o aluno entende mais os aspectos linguísticos, ele pode sair-se melhor em todos os componentes curriculares. Ele dominará melhor o uso da modalidade culta da fala, da escrita e será mais fiel ao que está escrito, quando for ler. Este estudo é considerado relevante porque a legislação oficial concernente ao ensino de língua na educação básica mostra a necessidade de se refletir sobre os fenômenos da linguagem, em especial os relacionados à questão da variedade e variação linguística. Para fundamentar a pesquisa, se buscou teóricos como Bortoni-Ricardo, (2004, 2005, 2006); Bagno (2002, 2007, 2012, 2013), *interallia* e, dados do INEP/MEC.

Palavras-chave: sociolinguística; variedade; escola pública.

Abstract: This research investigates the phenomena occurring in the orality of eighth and ninth grade students from a public school in the municipality of Imperatriz – Maranhão; examines whether when the student reads transfer marks of orality to the reading or if it has a monitored reading and is faithful to what is written. It also analyzes how linguistic variety is treated in the classroom and the posture of the teacher and students in relation to the linguistic variation present in the school context. The research shows the most frequent orality traits in the reading of the students that were observed. When the student understands the linguistic aspects more, he can do better in all the curricular components. He will better master the use of the cultivated mode of speech, of writing, and will be more faithful to what is written, when he will read. This study is considered relevant because the official legislation concerning the teaching of language in basic education shows the need to reflect on the phenomena of language, especially those

¹ Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, campus Imperatriz. Participou do Programa de Iniciação de Bolsa Científica na universidade, foi bolsista PIBIC/FAPEMA 2017-2018, e PIBIC-CNPq 2018-2019. É pesquisadora da linha de pesquisa Linguagem e Sociedade, do grupo de estudos Linguísticos do Maranhão - GELMA. Email: lsfeitosa97@gmail.com.

related to the question of variety and linguistic variation. In order to base the research, one sought theoretical ones like, Bortoni-Ricardo, (2004, 2005, 2006); Bagno (2002, 2007, 2012, 2013), interalia and, INEP / MEC data.

Keywords: Sociolinguistics; variety; public school.

Submetido em 8 de abril de 2020.

Aprovado em 20 de fevereiro de 2020.

Introdução

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), para o Ensino Fundamental, ressaltam a necessidade de se refletir sobre os fenômenos da linguagem, em especial os relacionados à questão da variedade linguística, com o objetivo de combater a discriminação e o preconceito relativo ao uso da língua (BRASIL, 1997). Esse mesmo documento declara que “não é papel da escola ensinar o aluno a falar: isso é algo que a criança aprende muito antes da idade escolar” (BRASIL, 1997, p. 48).

Por outro lado, ao chegar à escola, o aluno se depara com uma língua totalmente diferente do seu repertório. A língua materna do aluno é constantemente moldada de acordo com suas experiências pessoais e sociais. A escola deve ensinar outra forma de falar de modo que o aluno não se prejudique ou não se sinta constrangido por falar algo próprio de sua comunidade em uma situação inadequada.

Dessa forma, também o documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) referente à Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental (BRASIL, 2017, p. 83) apresenta, como uma das necessidades, dentro da sala de aula, a discussão desse assunto, para conhecimento e valorização, bem como a desmistificação de muitos conceitos que geram o preconceito linguístico, “discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica”.

Por muitos ainda terem fixado em suas mentes que exista uma “língua pura”, tudo que é diferente da norma culta é considerado erro. Considerar errada a forma como se fala, gera discriminação, que ocorre muitas vezes na sala de aula, decorrente da variedade linguística de alunos.

No Brasil, desde 1960, a teoria da sociolinguística tem contribuído para a compreensão de questões relacionadas ao uso da língua, à fala e fornecido subsídios para o ensino de língua portuguesa. Dessa forma, pode-se dizer que a teoria da

sociolinguística e a realização de pesquisas de cunho etnográfico na educação podem contribuir muito para o desenvolvimento do aluno. (ver BORTONI-RICARDO, 2004, 2005, 2006; BAGNO, 2007, 2002, *inter alia*).

A esse respeito pode-se fazer várias indagações: como é trabalhada a questão da variedade linguística de alunos dos anos finais da Educação Básica da rede pública, no contexto escolar? Como o processo de ensino e aprendizagem é mediado, pelo professor? Quando lê, de forma audível, aparecem traços da fala na leitura do aluno? Se sim, quais são os traços mais frequentes?

Algumas escolas não tratam corretamente a questão da diversidade linguística dos alunos, o que configura um problema, já que em uma mesma sala, pode haver alunos das mais diversas partes do país, por exemplo. Alunos tanto do Norte como do Sul do país, e esses alunos têm um repertório linguístico diversificado. Por vez, sem a devida atenção e informação, pode gerar estigmas justamente pelo fato dessa diferença. A escola deve adotar metodologias e procurar recursos para tornar a diversidade linguística um tema conhecido entre os alunos, nenhuma fala é superior a outra, a gramática não é superior à fala e não existe uma língua sem variação (ANTUNES, 2007).

Esta pesquisa é um recorte de uma pesquisa de iniciação científica que teve como objetivo geral analisar ocorrências de traços de oralidade/fala na leitura dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, identificar qual o tratamento dado à diversidade linguística dos alunos quando revelada na oralidade mediante a leitura, descrever os traços de oralidade observados na leitura dos alunos e examinar se os alunos ou o professor possuem alguma dificuldade em ler sem marcas de oralidade.

1. A importância da sociolinguística no âmbito escolar

Muitos consideram a Língua Portuguesa uma das mais difíceis que existem. O Português é uma língua falada em vários países e ele varia muito. Varia dentro do próprio país e entre os países também. Muitos países da África, por exemplo, têm a língua portuguesa como oficial, no entanto, o português dos países africanos não é como o português dos brasileiros, se assemelha mais com o de Portugal. Porém, não podemos dizer que se fala melhor ou pior português, apenas é diferente, cada comunidade possui uma identidade, a língua é uma característica marcante desses grupos.

Em relação à afirmação de que muitos declaram que a língua portuguesa é difícil, Othero (2017, p. 63) enfatiza que esse é mais um mito de linguagem “quando alguém diz que a língua portuguesa é uma das mais difíceis do mundo, pode estar se referindo ao fato de que as normas prescritas pela gramática tradicional da língua portuguesa são muito difíceis e complexas”. O que acontece também é que algumas pessoas relacionam estritamente a escrita (a gramática) com a oralidade, esse tipo de atitude acaba gerando estigma na fala, visto que, para alguns, tudo o que foge do padrão é errado.

A Sociolinguística exerce um papel fundamental para a compreensão de diversos fenômenos que ocorrem na oralidade e que podem ser explicados por meio dela. A questão é: quando ter acesso a esses conhecimentos? Apenas quando o aluno, finalmente, chegar à universidade e em sua grade curricular conter a disciplina? Ou ter acesso à teoria, e à prática, desde o ensino básico para que ele compreenda como, de fato, a língua funciona, suas variações e seu papel na sociedade? A última opção é a mais coerente/pertinente, porém, dificilmente há professores que fazem trabalhos sobre variação linguística e abordagens voltadas para a área.

Quando uma pessoa diz que é impossível falar o português corretamente, Bagno (2012, p. 96) a contradiz ao declarar que “todo e qualquer ser humano dotado de suas plenas capacidades físicas e mentais é perfeitamente capaz de falar bem”, o que algumas pessoas dizem é apenas um mito, porque não há quem fale melhor ou pior a língua portuguesa.

O preconceito linguístico acaba se tornando parte do cotidiano de muitas pessoas, e o motivo principal é a ignorância, uma vez que poucos têm conhecimento ou já ouviram falar sobre esse tipo de preconceito. A escola é um domínio social de um indivíduo, e há uma diversidade linguística no âmbito escolar. Por vezes, é em meio a essa diversidade, que se gera o preconceito linguístico.

Na maioria dos casos, há um choque de culturas quando um aluno da zona rural começa a estudar na zona urbana, visto que sua língua materna é estigmatizada, por ser diferente, e causa estranheza aos colegas. Assim, muitos alunos acabam desistindo de estudar, pois, seu modo de falar é considerado “errado”. No entanto, para Bortoni-Ricardo (2004, p. 37), “erros de português são simples *diferenças* entre variedades da língua”.

Em relação ao repertório linguístico dos usuários que são de zona urbana e de zona rural, há traços que podem ser classificadas como traços graduais e traços descontínuos, os primeiros, são mais encontrados na variedade urbana, geralmente pertencem à norma culta, à língua padronizada. Já os traços descontínuos são geralmente integrantes da linguagem rural; da variedade rural. Porém, eles só são descontinuados quando os usuários têm acesso à variedade culta, e aos poucos vão sendo transformados (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52).

São diversos os fatores que influenciam a variação da língua, eles são internos e externos a ela. Cada um dos fatores possui uma classificação, são os exemplos de variação lexical, que é quando uma variável possui mais de uma variante, e pode ocorrer de uma região para outra ou dentro da própria região. Há a variação fonológica e um exemplo desse tipo de variação é o fenômeno chamado de rotacismo, que é quando acontece a troca do [l] pelo [r], como no caso de “prástico” ao invés de “plástico”, outro tipo de variação é o morfológico que é quando ocorre uma alteração em algum morfema da palavra, e cada tipo de variação morfológica possui um fenômeno, além dessas, há uma gama de variação (COELHO, 2015).

Diante do exposto, pode-se dizer que é importante que haja investimentos em projetos, debates e seminários com temas sociolinguísticos, esses são extremamente relevantes para os alunos que estão em formação, assim, passarão a conhecer e respeitar a diversidade linguística do outro e nenhuma variação será estigmatizada. No entanto, ainda há um longo caminho a percorrer.

2. Diversidade linguística em sala de aula

A diversidade linguística deve ser respeitada e trabalhada principalmente na sala de aula. O professor é o principal mediador. Ele deve mostrar aos alunos que a diversidade linguística existe e se fosse trabalhada em sala de aula não haveria tanto estigma em relação ao modo de falar das pessoas, principalmente entre os alunos. O que se percebe é que a língua materna só é prestigiada assim que a variedade linguística é assumida.

No livro *Não é errado falar assim*, de Bagno (2009), há alguns mitos que a escola vem reforçando no decorrer dos anos, para os alunos, acerca de língua e linguagem, um exemplo clássico que esse autor (p. 19) cita é que as pessoas menos instruídas falam “errado”, que “as pessoas sem instrução, das classes pobres urbanas ou

da zona rural, cometem muitos erros ao falar a língua”. Uma percepção dessas se caracteriza como preconceito linguístico, uma vez que o indivíduo não aceita a variedade linguística do outro, tendo em mente sempre a supremacia da escrita sobre a fala, pois para essas pessoas deve-se falar somente da mesma forma que se escreve.

Algumas pessoas têm a concepção de que a fala e a escrita são a mesma coisa, elas se relacionam, uma é essencial para o funcionamento da outra, mas são diferentes. Antunes (2007, p. 44) ressalta que “não tem cabimento considerar que a gramática é a língua, ou que toda língua é constituída apenas de gramática”. A escrita não representa a fala, e os alunos devem entender que há diferença entre fala e escrita. Geralmente, fala-se de uma forma e escreve-se de outra, na oralidade não existe “certo” e “errado”, porém, na ortografia sim, visto que ela acompanha um padrão, é regida por normas. No livro *Gramática de bolso do português brasileiro*, de Marcos Bagno (2013), é exemplificada essa questão, de falar como se escreve, da seguinte forma:

Se fosse necessário “falar como se escreve”, teríamos de inventar um som para a letra H, não poderia palatalizar [t] e [d] antes de [i], toda letra L teria de ter pronúncia lateral e não vocalizada, não poderíamos pronunciar como [z] o S intervocálico de *rosa*, teríamos que pronunciar as vogais finais E e O como [e] e [o], sem reduzi-las a [i] e [u] etc. (BAGNO, 2013, p. 87).

Dessa forma, se fosse ensinado que há diferença entre fala e escrita, o que é compreensível diante dos exemplos mostrados pelo autor, a variedade linguística em sala de aula não seria uma questão desconhecida. Certamente, a língua materna não seria estigmatizada, haveria prestígio e a valorização da diversidade. A escola, como a principal agência responsável pelo processo de aprendizagem formal, é um lugar ideal para se falar sobre a variação linguística, para que, futuramente, não seja gerado preconceito linguístico, pois na sala de aula há uma diversidade, que começa pela situação tanto socioeconômica quanto sociocultural.

O preconceito linguístico acontece pelo não conhecimento ou pela não aceitação da diversidade linguística. Há diversos fatores que interferem na linguagem do indivíduo, “há grupos etários, gêneros, status econômicos, grau de escolarização, mercado de trabalho e rede social” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 48), cada um desses fatores interfere e faz parte da individualidade de cada um.

Algumas pessoas tiveram acesso à educação formal, outras não tiveram as mesmas oportunidades, cada um se expressa de acordo com a situação e o meio que esteve ou que está inserido, Antunes (2007, p. 106) afirma “quanto maior é o domínio

das variedades de uma língua, maior é a capacidade de alguém para usá-la adequadamente em cada circunstância. Não há por que usar, em toda oportunidade, as variedades cultas”.

3. Preconceito linguístico na sala de aula

Há duas formas de uso do português, o escrito e o falado. O português falado não necessita seguir tantas regras como é exigido no escrito. As pessoas que estudaram mais e que tiveram acesso à norma culta usam e dominam melhor o uso dessa norma na fala. Quanto à norma culta, Bortoni-Ricardo (2017, p. 71) diz que “as classes sociais que detêm prestígio e poder têm amplo acesso a ela; as classes inferiores na pirâmide social aspiram ao domínio dessa norma padronizada, que vão aprender na escola”, as que tiveram pouco ou nenhum acesso à escola usam a linguagem coloquial.

A língua falada é mais livre, acompanhada por expressões faciais e gestos para melhor compreensão do que se fala, só deve ser adequada às situações. Já a escrita é regida por regras, claras e precisas, que devem ser seguidas.

Ao chegar à escola, um falante de zona rural, por exemplo, pode se assustar ao falar algo que faz parte do grupo social que está inserido e seus colegas da zona urbana acharem diferente e até mesmo tratarem com estigma o repertório linguístico do outro. Algumas palavras usadas na zona rural não são frequentes na fala urbana e os alunos vindos de zona rural e de periferias, ou de contextos em que a língua culta não é a de domínio, falam diferente. Quase nunca a língua materna deles é respeitada em sala de aula. Então entra a questão da supremacia da gramática à fala dos indivíduos.

Entretanto, algumas pessoas não sabem fazer esta diferença entre as duas modalidades de uso da língua, a noção delas é de que a linguagem oral “correta” é aquela gramatical, aquela que é igual à escrita, o que se torna quase impossível ao falante, sobre isso, Antunes (2007) afirma que:

A língua apresenta mais de um componente (léxico e gramática) e seu uso está sujeito a diferentes tipos de regras e normas (regras de textualização e normas sociais de atuação). Restringir-se, pois, à sua gramática é limitar-se a um de seus componentes apenas. É perder de vista sua totalidade e falsear a compreensão de suas múltiplas determinações (ANTUNES, 2007, p. 41).

Não se consegue o tempo todo falar como se escreve, isso não é regra, sabe-se que se fala de uma forma, mas se escreve de outra. Não existe uma língua pura, a língua é híbrida, em cada região há um modo de falar, para cada situação também existe uma

forma, com práticas sociais o indivíduo aprende a se adequar de acordo com a exigência. A escola, como uma das principais agências promotoras do saber, não deve institucionalizar a ideia do “certo” e “errado” nas falas dos alunos, pois é daí que surge o preconceito linguístico. Bagno (2013) assevera que:

Nós produzimos variações fonéticas automáticas, inconscientes, que decorrem do ambiente fonético e/ou morfossintático em que os sons se encontram, sem que a grafia acompanhe: o S em *é* é um [s], mas o S em *rasgar* é um [z], assim como o Z em *faz calor* é um [s]; o M de *rama* é um [m], mas o M de *rampa* é mero índice de nasalização da vogal anterior [‘hãpa]; o E de *selo* pode ser um[e] ou um [ɛ] dependendo da classe gramatical da palavra; o O tônico de *porco* é um [o], mas o de *porcos* é um [ɔ], e é a flexão de número que indica isso (...) (BAGNO, 2013, p. 87).

O professor deve sempre estar apto a mostrar aos seus alunos que há variedade linguística e que ela existe na sala de aula, em casa, na igreja e/ou em qualquer outro lugar que ele frequentar/falar. Ele deve contribuir para que os alunos entendam que não existe fala errada, existe variação linguística e essa deve ser respeitada e conhecida, para que não haja preconceito linguístico, ensiná-lo que “não existe língua sem variação” (ANTUNES, 2007, p. 106).

O ideal é que os professores devem aproveitar a variação que há na sala de aula para ensinar a que os alunos precisam aprender – a variedade culta. Assim os alunos passarão a conhecer a diversidade linguística e fazer uso da variedade que for adequada às situações. O certo é que “enquanto uma língua for falada, ela vai sofrer variação e mudança” (BAGNO, 2013, p. 54). A escola também tem a responsabilidade de excluir de vez o preconceito linguístico da sala de aula e, conseqüentemente, fora dela e a melhor forma para que isso se torne realidade é evidenciando os estudos da diversidade linguística no ensino.

4. Metodologia

A pesquisa é majoritariamente qualitativa, pois é a que mais se encaixa com o desenvolvimento que se propõe. Gerhardt e Silveira (2009, p. 31-32) ressaltam:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização social. [...] A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Também é classificada como uma microetnografia, já que a pesquisadora esteve inserida em sala de aula, acompanhando as atividades e fazendo as devidas anotações, gravações em áudio e observações. Nesse método, segundo Creswell (2007, p. 31), “o

pesquisador estuda um grupo cultural intacto em um ambiente natural durante um período de tempo prolongado, coletando primariamente os dados observacionais”.

Após o levantamento bibliográfico e as leituras iniciais, um dos primeiros passos foi a solicitação de colaboração da escola, depois veio a observação inicial do contexto e, posteriormente, reuniões no Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários – NELLI, para o registro, transcrições dos áudios e análise dos dados obtidos em sala.

A pesquisa teve duas etapas, na primeira etapa, as observações das leituras dos alunos foram registradas em um caderno, em seguida foram iniciadas as gravações. Além das gravações, algumas marcas de oralidade na leitura dos alunos eram também registradas no caderno.

A segunda etapa da pesquisa foi o estudo dos dados observados, foram feitas transcrições das leituras dos alunos e da professora, alguns momentos de conversas informais também foram registrados. O registro dos eventos foi feito, a fim de se comparar algumas ocorrências de marca de oralidade com a leitura.

Essa pesquisa foi feita em uma escola no centro da cidade de Imperatriz, Maranhão, as observações foram feitas no 8º e 9º ano, a turma de 8º ano possuía 45 alunos, a sala de aula não era bem iluminada e não possuía climatização, possuía apenas dois ventiladores, já a turma do 9º ano possuía 32 alunos, apesar de a escola ser localizada em um espaço considerado central, a maior parte dos alunos era de bairros periféricos da cidade e classe média baixa ou totalmente carente. As famílias lutam com dificuldades para conseguir a manutenção dos filhos e frequentaram pouco a escola; a maioria não cursou a educação básica. Há um aluno que mora em um abrigo localizado no centro da cidade.

Serão apresentados os dados construídos com as informações das atividades observadas em sala de aula. Em seguida, esses dados serão analisados. Os dados observados em sala de aula serão mostrados e, posteriormente, analisados com o propósito de conhecer qual a percepção do professor quanto à diversidade linguística em sala de aula, qual o tratamento dado à leitura dos alunos que contêm marcas de oralidade e, por último, analisar se os colaboradores possuem dificuldades no que concerne a ler sem reflexos da oralidade.

Para compreender melhor o que está nas transcrições, será usado **P** para professora, **A** para aluno, **O** para observação, **()** quando a palavra ou frase não for

compreendida, (...) quando a conversa ou leitura começa em algum ponto determinado,
 - para palavras silabadas, ... para as pausas e letras maiúsculas para entonação enfática.

5. Resultados

5.1 A percepção do professor quanto à diversidade linguística em sala de aula

Para analisar se o professor percebe a diversidade linguística dos alunos em sala, serão usados fragmentos de gravações e anotações de observações feitas em sala de aula. As gravações e anotações são referentes aos momentos em que os alunos estavam lendo ou da interação com os colegas ou com a professora. A professora, que não teve acesso à disciplina de Sociolinguística, relatou que conhece pouquíssimo sobre o assunto. Ela nem sempre utiliza a norma culta em sala de aula. A professora não tem percepção quanto à diversidade em sala de aula, acaba também utilizando a linguagem coloquial.

Fragmento 01 - Transcrição de áudio de uma correção de atividade relacionada a anúncio publicitário:

P: (...) qual foi a variedade? Aquela... a coloquial, a vulgar, a norma padrão... qual foi?

A: [lendo] a norma padrão

P: a norma padrão... a norma culta, a norma de prestígio... pode usá qualquer uma dessa. Por quê que foi usado a norma padrão?

A: ()

P: (..) porque ele usô todas as normas de acordo com as regras da língua portuguesa, ele num **usô** nenhuma linguagem coloquial, como **a gente** tá acostumado a **usá** no dia a dia... Ele se **procupou** com as regras exigidas.

(G.: 23-08-2018)

No fragmento acima, pode-se notar que a professora tem em seu repertório linguístico a palavra “usô”, este uso é regular pelos falantes brasileiros, praticamente ninguém pronuncia o ditongo /ou/, essa regra é chamada de monotongação, uma variação fonológica (COELHO, 2015), que é a transformação do ditongo /ou/em /o/; em “usá” a professora suprime o /r/ que marca o infinitivo do verbo , geralmente é uma marca de oralidade comum, Bortoni-Ricardo (2004, p. 85) reitera que “em todas as regiões do Brasil, o /r/ pós-vocálico, independentemente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais”.

No caso do “a gente”, a professora usa a variante não padrão ao invés da padrão “nós”, em uma situação consideravelmente formal. Porém vale ressaltar que essa variante não padrão é também usada cada vez mais em casos que deveriam ser exigidos a sua forma padrão. Outra palavra que chama atenção no léxico da professora é a

palavra “procupou” em vez de “preocupou”, ocorre supressão da vogal /e/, este pode ser considerado um traço descontínuo, outro traço gradual descontínuo é a palavra “num” ao invés de “não”, geralmente essas palavras são encontradas no contexto rural/rurbano.

5.2 O tratamento dado à leitura dos alunos que contêm marcas de oralidade

A oralidade é construída por meio das relações sociais e para cada situação há um tipo de linguagem a ser usada, o papel do professor é mostrar aos seus alunos as diferenças. O professor tem uma tarefa importante em conscientizar o aluno quando o assunto é diversidade linguística, os alunos devem monitorar seu estilo, o professor deve orientá-los sem causar danos no processo de ensino-aprendizagem (BORTONI-RICARDO 2004, p. 42). Assim como já foi ressaltado, Bagno (2012) afirma que todos têm a capacidade de falar usando as variedades nas situações adequadas.

Em uma situação informal, a professora exige que a aluna use a norma culta para poder sair da sala de aula, a professora adota uma postura totalmente desnecessária:

Fragmento 02 – Diálogo entre aluna e professora

A: - Tia, posso ir **no** banheiro?

P: - Não

A2: - Tia, posso tomar água?

P: - Pode

A1: - Tia, por que a senhora deixou ele sair? Faz horas que peço pra ir **no** banheiro...

A3: - É ir **ao** banheiro, burra!

A1: - Tia, posso ir **ao** banheiro?

P: - Agora pode!

(O.: 21/05/2018)

O dado mostra que a professora trata a variação linguística da aluna de forma não recomendada. Usar a ocorrência do erro do aluno para humilhá-lo é uma atitude errônea (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 38). Seria oportuno ao professor abordar sobre a linguagem culta e a coloquial, conscientizando seus alunos sobre as diferenças. (BAGNO, 2013).

A escola e o professor são responsáveis pelo desenvolvimento linguístico desses alunos, valorizar as formas de sua língua materna, a coloquial, e mostrá-los a norma culta e seus usos. Esta é a hora de desmistificar conceitos de fala “errada”, um dos mitos citados por Bagno (2009, p. 19) e de estigma das variantes (ANTUNES, 2007). Esta é uma tarefa fundamental para a formação desses alunos.

Quando as diferenças são tratadas de forma inapropriada, pode causar prejuízo ao aluno, e conseqüentemente, causa o desinteresse em participar das aulas. Outro

prejuízo que pode causar é a insegurança na fala e na leitura dos alunos, ao ponto de ele não prosseguir os estudos.

Abaixo, transcrição da leitura de aluno de 9º ano:

Fragmento 03 - Leitura das respostas durante a correção de uma atividade:

P: - O que significa a palavra exílio? Eu já até falei pra vocês, o que vocês colocaram aí?

A: - (lendo) É quando a pessoa é expulsa do país

P: - É... de sua terra natal, sua pátria... No restante do poema, o que foi mantido na canção do exílio?

A: (lendo) A valorização.

P: Sim, a valorização de cada localidade, de cada pátria, o que mais?

A: (lendo) A **discrição** de cada lugar

P: A **descrição**. E o quê mais?

(G.: 17/05/2018)

No fragmento acima, a aluna usa o vocábulo “discrição” que significa algo discreto, quando na verdade a palavra adequada seria “descrição”, ato de descrever algo, a professora faz intervenção apresentado a palavra adequada, mas não explica que a aluna faz a troca do vocábulo, acontece uma má decodificação, um equívoco.

O momento seria adequado para mostrar o significado das duas palavras que são parônimas, ou seja, são parecidas na grafia, mas tem um significado diferente. O desconhecimento do significado, ou o desconhecimento de outra variedade, uma mais formal, faz com que os alunos usem apenas a que têm conhecimento. (ANTUNES, 2007).

5.3 As dificuldades dos colaboradores no que concerne ler sem reflexos da oralidade

Abaixo, transcrições de fragmentos para analisar essas ocorrências durante a leitura dos alunos.

Fragmento 04 - Transcrição da leitura de uma aluna do 8º ano

A: - releia os trechos e observi em destaqui... a palavra es-ton-té-an-tê-men-te, é... qual é o efeito produzido pela repetição das **palavas destacada**? É... eu **botei** qui... **essas palavra faz** pergunta **pá** pessoa se ela é **bunita**.

P: - Não faz pergunta... Tem a ver com a beleza da pessoa, mas não faz pergunta. Quem foi que respondeu diferente?

(G.: 07-05-2018)

O dado mostra que ao ler a aluna não é fiel ao que está escrito. A professora não interveio na leitura da aluna, o que pode ter ocorrido por duas razões “ou o professor não está atento ou o professor não identifica naquela regra uma transgressão porque ele próprio a tem em seu repertório” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 38).

Nos fragmentos a seguir, os dados irão apontar se professor e aluno refletem marcas de oralidade na escrita, isso pode acontecer em casos que a leitura não é monitorada.

Fragmento 05- Transcrição de áudio da correção de atividade:

P: (...) [lendo] qual é o público-alvo do anúncio?

A: [lendo] todos aqueles que podem doar.

P: a sociedade em geral, sabe porquê que é a sociedade em geral? Por exemplo, eu não sou doadora de órgão e tu também não é, mas **se eu ver** esse anúncio, eu posso **chegar em você** e (falar): “doa”. Eu posso te incentivar... O público em geral ou a sociedade em geral.

(G.: 23-08-2018)

No fragmento acima, não houve ocorrência de reflexo da oralidade durante a leitura da questão, tanto por parte da professora, como do aluno. Na última fala da professora, podemos notar alguns traços de oralidade, como no fragmento “se eu ver esse anúncio”, como está na primeira pessoa do singular do futuro do subjuntivo, a forma adequada seria “se eu vir”, outro caso que acontece é o “posso chegar em você”, nesta ocorreu variação. A conjugação do verbo “chegar” não permite preposição “em”, a forma adequada seria “posso chegar a você”. Porém, este pode ser um caso de variação discursiva, pois se usa a expressão “chegar em você”, para significar “aproximar-se”. Em alguns momentos, professora e alunos têm uma leitura monitorada.

Fragmento 06 – Transcrição de áudio durante a correção de uma atividade:

P: - (...) [lendo] considerando o que diz o poema, por que essas palavras que indica lugar nós usamos com tanta frequência?

A: ...

P: - Porque em todo momento nós estamos em um lugar ou local.

A: - Vô botá lugar aí vô botar local.

P: - Isso, pode botá lugar aí bota a barrinha local, pode ser um dos dois.

(G.:25-04-2019)

No fragmento acima, a professora mais uma vez não é fiel ao que está escrito, e a ocorrência é a falta de plural redundante. É comum a não marcação do plural na oralidade em uma conversa informal não monitorada, a professora transfere essa marca para a leitura sem perceber e quando os alunos fazem o mesmo, a professora não percebe.

Cabe ao professor, explicar aos alunos a diferença entre fala e escrita, pois não é possível falar como se escreve e escrever como se fala (BAGNO, 2013). Assim, entendendo as especificidades de cada uma das modalidades da língua, os alunos vão se adequando.

Considerações

O objetivo principal deste trabalho foi a análise de ocorrências de traços da oralidade/fala na leitura de alunos de anos finais do Ensino Fundamental e averiguar qual o tratamento que o professor dava em relação à variação linguística dos alunos em sala de aula.

Com a análise dos dados, foi possível constatar que a professora percebe parcialmente a diversidade linguística do aluno e algumas vezes têm uma postura inadequada com a forma como o aluno fala e/ou lê, pois ele faz uso da norma coloquial. A forma como ela trata o aluno pode intimidar e até mesmo reprimi-lo. A própria professora comete alguns deslizes morfológicos na oralidade, como a falta de concordância verbo-nominal em algumas de suas falas.

Quanto ao tratamento dado à leitura dos alunos, que contêm marcas de oralidade, a professora faz intervenções mínimas, deixando essa tarefa para os demais colegas, que frequentemente corrigiam uns aos outros. Em algumas situações “o professor prefere valorizar o conteúdo e não intervém na correção da forma”, porém é importante que se reserve um momento para fazer essas correções. Esse trabalho é importante para não deixar os alunos continuarem a cometer as mesmas trocas ou inadequações nas leituras (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 41).

Foi certificado que os alunos do 9º ano não têm dificuldade alguma em ler sem reflexos da oralidade, reiterando, eles possuem uma leitura monitorada, já os alunos do 8º ano têm um nível médio de dificuldade em ler sem reflexos da oralidade, foi observada a adição de letras em algumas palavras, durante a leitura, e a não realização de outras e falsas pistas.

A escola não apresenta uma condição satisfatória no quesito do ensino e valorização da língua materna e suas peculiaridades, deveria haver projetos com temas Sociolinguísticos, a professora mesmo poderia pedir pesquisas aos seus alunos e discutir com todos em sala de aula sobre a variedade linguística que é um elemento presente em todos os lugares. A exigência da norma culta até em situações informais é desagradável ao aluno, torna-se uma coisa desestimulante, o aluno acaba absorvendo que se não falar conforme a norma culta será excluído em determinadas situações em sala de aula.

Diante dos dados, pode-se dizer que todos os objetivos foram alcançados, espera-se que essa pesquisa contribua para a área de Sociolinguística, especialmente a variacionista e a educacional, mas é de grande importância que tenha investimentos em projetos, debates e seminários com temas sociolinguísticos, esses são extremamente

relevantes para os alunos que estão em formação, dessa forma passarão a conhecer e respeitar a diversidade linguística do outro e nenhuma variação será estigmatizada.

Referências

ANTUNES, I. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, M. *Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *Preconceito linguístico: o que é como se faz*. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. (org.) *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Não é errado falar assim!: Em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. *Gramática de Bolso do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2013.

BORTONI-RICARDO, S. M. Variação linguística e atividade de letramento na sala de aula. In: KLEIMAN, A. B. (org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

_____. *Nós chegamos na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. *Educação em Língua Materna: A Sociolinguística na sala de aula*. 4. Ed. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: Secretaria da Educação Fundamental, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base nacional comum curricular*. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H. *Para conhecer Sociolinguística*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. (org). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

OTHERO, G. A. *Mitos de Linguagem*. São Paulo: Parábola, 2017.